

Representação do papel da mulher na série “Good Girls” e a relação com a mídia e com a indústria cinematográfica¹

Amanda Freitas KUHN²

Marislei RIBEIRO³

Universidade Federal de Pelotas (UFPel), Pelotas, RS

Resumo

Este artigo promove uma análise sobre a representação da presença feminina na série da NBC, “Good Girls”, refletindo sobre o papel da mulher na sociedade e como ela é representada na mídia e na indústria cinematográfica. A partir da análise da primeira temporada da série, que contém dez episódios, o presente trabalho busca trazer reflexões sobre como a representação do papel da mulher muda ao longo dos episódios, mostrando a transformação e a evolução das mulheres protagonistas na série, relacionando com a sociedade, a mídia e a indústria cinematográfica.

Palavras-chave

Papel da mulher; Representação da mulher; Mídia; Indústria cinematográfica; Good Girls.

Introdução

O presente artigo propõe uma análise sobre a presença feminina na série de drama e comédia da NBC, “Good Girls”, promovendo uma reflexão sobre o protagonismo feminino existente na série. A justificativa deste trabalho se dá em virtude da evolução e da transformação do “papel da mulher” na sociedade brasileira nas últimas décadas. Em virtude disso, a mídia e o cinema têm que se adaptar e refletir para o telespectador – a sociedade – aquilo que está de acordo com a sua cultura. O papel da mulher está evoluindo e conseqüentemente, a indústria midiática e cinematográfica também, mesmo que de forma lenta.

O método utilizado neste trabalho foi de pesquisa exploratória, fazendo uma análise dos dez episódios da primeira temporada da série, seguido de uma reflexão

¹ Trabalho apresentado na IJ– Jornalismo do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 20 a 22 de junho de 2019.

² Estudante de graduação do 3º semestre de Jornalismo, da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), e-mail: amandafreitaskuhn@yahoo.com.br

³ Orientadora do trabalho. Professora do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), e-mail: marislei.ribeiro@cead.ufpel.edu.br

teórica, utilizando autores da Escola de Frankfurt e pensadoras contemporâneas para relacionar a “representação do papel da mulher” nos dias de hoje na mídia e no cinema e refletir sobre a constante mudança e evolução destes.

A representação da mulher na indústria cinematográfica

O cinema, sendo considerado por muitos, como uma prática social que representa a sociedade e a sua cultura, vêm evoluindo com o avanço da sociedade e o fortalecimento dos movimentos sociais e feministas ao longo dos anos.

O cinema, por exemplo, coloca a mulher em primeiro plano, dando-lhe o papel principal, chegando a lhes fornecer um lugar central nos filmes de ação, antes reservado aos homens. A imagem veiculada pela televisão e cinema também é muito mais positiva do que foi no passado. A mulher é representada nos atuais seriados televisivos ocupando uma grande variedade de profissões, se estendendo para muito além do trabalho doméstico: ela agora é diretora, trabalhadora autônoma ou mesmo técnica. Vários programas de televisão apresentam “modelos de mulheres e meninas no domínio de sua vida, suas relações interpessoais e seu futuro”. (MORENO, 2017, p. 165.).

No cinema, atualmente, em filmes e séries, o papel da mulher que é mostrado para os telespectadores é de uma “mulher maravilha”, que consegue ser mãe, esposa, trabalhadora e estudante, tudo ao mesmo tempo.

Essa imagem, segundo a autora Moreno (2017, p.92): “Melhorou, dizem elas, mas... falta qualidade, falta diversidade, a imagem ainda é seletiva e, desde que o controle passou à própria indústria, o padrão de beleza apresentado é impositivo, inalcançável e dominante.” Portanto, o papel da mulher mostrado na indústria cinematográfica acaba sendo um reflexo da sociedade em que ela está inserida.

A representação da mulher na mídia

A mídia, sendo considerada por muitos, o quarto poder de uma sociedade democrática, juntamente com os poderes Executivo, Legislativo e Judiciário, não determina, mas influencia no comportamento das pessoas, portanto, existe um dever

ético por meio dos profissionais que trabalham na mídia de participar de forma ativa na dinâmica política, econômica e social de seu país. Segundo a diretora de La Independent – Barcelona, Carreras (2014): “Os meios de comunicação têm um papel decisivo para preservar a igualdade de gênero, ou seja a democracia”.

Os meios de comunicação social não são a causa fundamental da condição subordinada da mulher. E não dispõem sozinhas dos meios para corrigi-las. As causas possuem profundas raízes nas estruturas sociais, políticas e econômicas assim como as atitudes culturalmente determinadas, e somente se conseguirá encontrar uma solução mediante a introdução de mudanças a longo prazo. No entanto, os meios de comunicação social dispõem até certo ponto da faculdade de estimular ou atrasar tais mudanças, segundo Moreno (apud UNESCO, 1988, p. 330-331, tradução nossa.).

Os meios de comunicação, tem o dever de tratar as mulheres na mídia respeitando os seus direitos, a sua integridade física e moral, a sua imagem, o seu trabalho, tratando-a com o devido respeito de uma cidadã brasileira dentro de uma sociedade democrática. Segundo Moreno (2017, p.79): “O direito das mulheres à igualdade é o mais básico dos direitos humanos. Os direitos das mulheres são, portanto direitos humanos. A sua violação significa, uma violação dos direitos humanos”.

Porém, apesar dos direitos das mulheres serem garantidos por lei, é visível o machismo presente na mídia ainda nos dias de hoje. É importante salientar que as mulheres jornalistas presenciam esse machismo dentro e fora da mídia. Elas, sofrem com as desigualdades e os assédios dentro do seu campo de trabalho e na forma como a mídia – ainda – trata as mulheres. Devido aos constantes casos de assédios sofridos por milhares de jornalistas, diversas campanhas foram lançadas para combater o machismo no jornalismo⁴.

Além disso, também percebe-se a “representação do papel da mulher” no jornalismo, visto que segundo a autora Moreno (2017), as mulheres jornalistas relatam com mais frequência questões “leves” como assuntos sociais, arte ou família e a “vida cotidiana” (mais de 40% das mulheres).

⁴ A campanha #DeixaElaTrabalhar foi lançada em 2018, contra o assédio e o desrespeito às jornalistas mulheres, principalmente da área esportiva. Cerca de 50 jornalistas se uniram para lançar o vídeo que deu início a manifestação nas redes sociais. O movimento mobilizou diversos times de futebol a se manifestarem contra o machismo e o assédio nos estádios. Além disso, em 2016, foi lançada a campanha #JornalistasContraOAssédio, após uma repórter ser assediada pelo ex-cantor Biel durante uma entrevista coletiva. https://brasil.elpais.com/brasil/2018/03/23/politica/1521823054_844544.html Acesso: 1 maio 2019.

Ou seja, o papel da mulher não é imposto somente pela mídia para a sociedade, mas também dentro dela. Nota-se também que houve um avanço na carreira jornalística para as mulheres desde os anos 70, mesmo que ainda haja uma grande desigualdade de gênero nas posições de comando.

Assim, qualquer que seja a linha de argumentação utilizada – responsabilidade da produção de uma empresa cujos produtos têm impacto social ; comprometimento da mídia com a democracia; respeito e comprometimento da mídia com relação aos direitos humanos (entre os quais, os das mulheres); a demanda de comprometimento com os acordos internacionais (dos quais também o Brasil é signatário – como as metas do Milênio e a plataforma de Beijing) -, a resultante termina sendo a defesa da necessidade do envolvimento da mídia na implementação da igualdade de gênero. (MORENO, 2017, p.85.).

Apesar dos deveres da mídia acima citados, é notável perceber que regularmente, eles não são cumpridos, e pior, muitas vezes, acabam por sustentar e manter preconceitos e conceitos acerca do papel da mulher na sociedade.

Segundo sexo. Segunda imprensa. Secundário, secundária. Sempre um segundo lugar: subalterno, dependente, complementar. Ou supérfluo. Admitamos que assim seja. No entanto, das folhas artesanais ao produto industrial, a imprensa feminina tem potencialidade para atingir metade do gênero humano. E para influir em toda a vida social. No Brasil, milhões de mulheres – e milhares de homens – leem as páginas, suplementos e revistas dessa imprensa, que transmite ideias, modas, costumes. Visões do mundo que modificarão até mesmo os não leitores. (BUITONI, 2009, p.21.).

Se a mídia não é a principal causadora da mulher estar em segundo plano, com certeza, ela é responsável por mantê-la como secundária, como trabalhadora - não como chefe – ou segunda voz de um jornal ou programa jornalístico.

Indústria Cultural e Cultura de Massa

Indústria Cultural é o termo usado para designar o modo de produção cultural na sociedade industrial capitalista. O termo criado por Theodor Adorno e Max Horkheimer na década de 40, se aplica até a nossa sociedade moderna, em que os processos de produção tem como principal objetivo o lucro, e o consumo pela massa.

O produto criado pela Indústria Cultural para atingir as massas da sociedade é denominado de Cultura de Massa. Em virtude da sociedade capitalista em que estamos

inseridos, o principal objetivo dessa cultura é de homogeneizar e padronizar os seus produtos (ideias), para que sejam consumidos pela massa. Os meios de comunicação (mídia) são responsáveis por propagarem padrões e produtos na sociedade, promovendo uma homogeneização e alienação na população que consome as suas informações.

Ou seja, quando falamos da representação do papel da mulher na mídia e na indústria cinematográfica, há uma padronização na forma que ela é (ou era) mostrada para o público.

Contudo, podemos entender a discussão referente à liberdade de expressão, que exige que os meios de comunicação sejam potencialmente abertos a todos, sem discriminação – apesar de essa premissa não ser respeitada no que se refere à pluralidade e diversidade, como princípios basilares da expressão, não se encontrem garantidas nos meios de comunicação, no que se refere à imagem da mulher na mídia. (MORENO, 2017, p.68.).

É fato que os meios de comunicação de massa, em especial a televisão, sempre propagaram a ideia da mulher como personagem feminina indefesa (mocinha) ou mal-amada (vilã). É comum também, principalmente em novelas em televisão aberta, o enredo principal, ser um triângulo amoroso, em que a mocinha sofre e abre mão de muitas coisas para ficar com o amado e a vilã fica tentando separar o casal o tempo todo, mostrando o homem como figura central da trama, inocente e maravilhoso, capaz de fazer duas mulheres brigarem pelo seu amor.

Pode-se perceber também, que em filmes ou sequências de filmes de roubos, furtos e assaltos, os protagonistas são homens, a mulher nem sequer está presente como mocinha ou vilã. Nos filmes de ação, os homens são fortes, independentes e heróis, enquanto as mulheres são mostradas como figuras amorosas, apaixonadas pelo mocinho.

Em uma segunda etapa, a aplicação das normas midiáticas para representar a mulher de forma mais realista não pode ser deixada a cargo apenas da iniciativa privada. Seu principal objetivo de lucro não o levará de fato a fazer escolhas socialmente responsáveis, já que essas opções não aumentam as vendas. (MORENO, 2017, p.74.).

É preciso considerar que a iniciativa privada sempre terá como finalidade o lucro, então, mesmo que haja uma mudança na forma como a mulher é representada na indústria cinematográfica (e na mídia), essa transformação é feita, pois se o cinema é um reflexo da sociedade e esta quer ver a mulher “real” nas telas do cinema, a iniciativa

privada irá se apropriar disso, mostrar essa evolução nas suas produções e transformar essa mudança social em lucro.

Portanto, é necessário que a mídia esteja presente na forma em como a mulher é representada para a sociedade, visto que ela tem o poder de influenciar na visão do público que consome seu conteúdo.

Mulher de papel

O movimento feminista é um movimento social, político e econômico que tem como objetivo a discussão e a luta por direitos das mulheres. O movimento luta para que as mulheres parem de ser vítimas das diversas formas de opressão social existentes para que haja uma sociedade mais justa e igualitária para todos.

Em virtude do movimento feminista, as mulheres conquistaram muitos direitos ao longo da história, como o sufrágio feminino⁵, que no Brasil foi conquistado em 1932, a criação da Lei Maria da Penha⁶, em 2006, a abertura da primeira Delegacia de Atendimento Especializado à Mulher, em 1985, o surgimento da pílula anticoncepcional, entre outras diversas conquistas que só foram possíveis devido ao movimento feminista.

Na imprensa feminina, a mulher está, metafórica e metonimicamente, ligada aos papéis sociais básicos: dona de casa, esposa, mãe, principalmente, até os anos 1970. O termo de comparação de mulher é sempre um signo de trabalho doméstico, casamento, maternidade. Igualmente, a continuidade opera na direção lar, marido, filhos. Sabe cozinhar e arrumar como uma formiga laboriosa; é companheira dedicada, mãe doce e suave. Suas frases já vêm predeterminadas: seus predicados e objetos organizam-se em sintagmas pela contiguidade óbvia e natural de coisas que sempre estiveram juntas. Já nos anos 1960 aparecia uma tendência que privilegiava a consumidora. E, mais do que mãe ou esposa, o status de namorada foi se fortalecendo. (BUIIONI, 2009, p.200.).

⁵ O movimento sufragista surgiu durante a primeira onda feminista, entre o final do século XIX e o início do século XX, no Reino Unido e Estados Unidos, em que as mulheres lutaram pelo direito ao voto, pelo direito de participação na vida política, a melhores condições de trabalho e ao estudo. Foi nessa época em que as mulheres começaram a se questionar sobre o seu papel na sociedade, se o papel de responsável pela família e pela casa era realmente a sua única função. <https://www.todapolitica.com/movimento-feminista/>. Acesso em: 2 maio 2019.

⁶ A lei nº 11.340/06, conhecida como Lei Maria da Penha, foi instaurada para combater a violência doméstica e familiar contra as mulheres. Ela aplica-se a todas as mulheres que estejam em condições de vulnerabilidade em relação ao seu agressor e que envolvam relações de proximidade ou afeto entre a vítima e o agressor. A lei compreende os casos de violência sexual, física, psicológica, moral e patrimonial. <https://www.todapolitica.com/movimento-feminista/>. Acesso em: 2 maio 2019.

Ou seja, a imprensa sempre ligou a mulher ao papel de mãe, esposa e dona de casa. Mesmo que o papel dela nunca tenha sido esse – ou somente esse – a mídia sempre a representou dessa forma. Nos dias de hoje, a mídia já está mudando a representação desse papel, pois a sociedade – principalmente as mulheres – não está mais aceitando essa “representação”.

Contextualizando a escolha da série “Good Girls”

Para analisar os episódios da série, optou-se pelo método de “Pesquisas Exploratórias”, do autor Gil (2008), visto que foi realizado uma análise acerca da série, problematizando-a, levantando questões dignas de discussões e reflexões.

As pesquisas exploratórias têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e idéias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores. De todos os tipos de pesquisa, estas são as que apresentam menor rigidez no planejamento. (GIL, 2008, p.27.).

Ou seja, foi feita uma análise da série, com a finalidade de observar, refletir e rever conceitos existentes na série e na sociedade, e a partir destes modificar e melhorar a visão dos telespectadores acerca do “papel da mulher”.

Uma mistura de drama e comédia, a definição da série “Good Girls”, na Netflix⁷ é: “Três pacatas donas de casa bolam um roubo ao supermercado local para sair do buraco e conquistar a independência.” Estrelada por Christina Hendricks, Mae Witman e Retta⁸, a série mostra a evolução do papel da mulher dessas três mulheres ao longo dos episódios.

Em virtude disso, a primeira temporada da série “Good Girls” causou um alvoroço no público, que não estava acostumado a ver somente mulheres como protagonistas em filmes e séries do gênero – filmes e séries sobre roubos, assaltos e furtos –, e na crítica cinematográfica, mostrando como uma simples série – em que as mulheres estão buscando independência e sendo as reais “donas” da casa” – causa

⁷ Netflix é uma provedora global de filmes e séries de televisão via streaming, que atualmente conta com mais de 100 milhões de assinantes.

⁸ As atrizes Christina Hendricks, Mae Witman e Retta interpretam, respectivamente, Beth Boland, Annie Marks e Ruby Hill na série.

estranhamento no público, na realidade é possível notar ainda mais estranhamento da sociedade e preconceito com as mulheres ocupando todas as camadas dela.

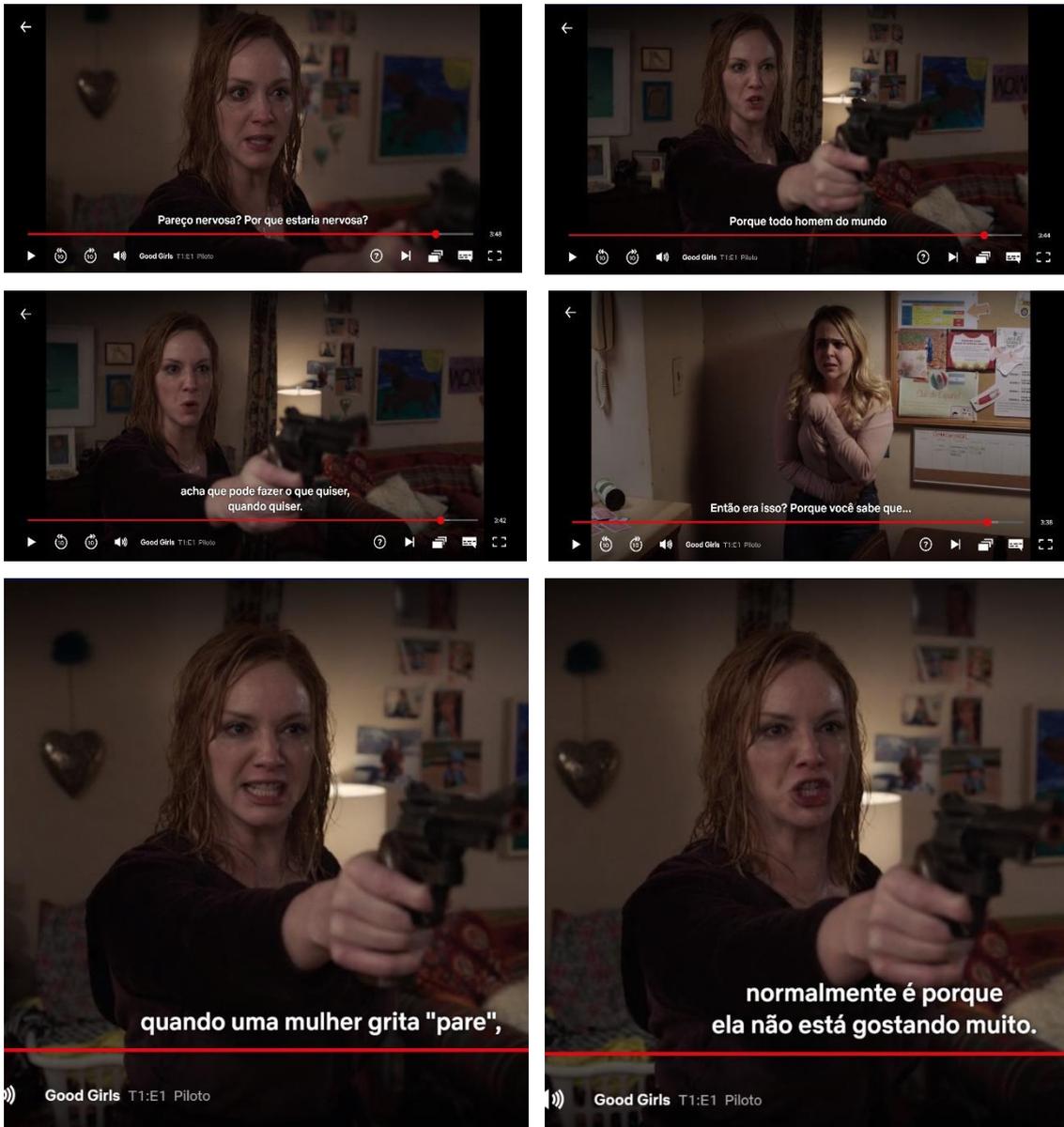
A imprensa feminina costuma se articular em torno de papéis e só de alguns papéis. Opinativo, normativo, didático, dissertativo, tal discurso não poderia versar sobre mulheres determinadas, individualizadas, com nome, profissão, personalidade própria. Os papéis apresentados pertencem à mulher/condição feminina, a mulher genérica, sem tempo, espaço nem classe. É apenas a mulher moderna, feliz em cumprir seus papéis predeterminados com a ajuda dos bens que a civilização proporciona. A mulher é pasteurizada, universalizada, em nome do consumo. (BUIIONI, 2009, p.209.).

É possível refletir sobre a evolução da representação do papel da mulher nos dez episódios da primeira temporada da série. Logo, “Good Girls” torna-se necessária, mesmo que não se tenha percebido isso até o surgimento da série, por abordar essas questões.

Principais discussões

É fato que a sociedade atual é machista e o sistema é patriarcal. A série mostra justamente a desconstrução do papel da mulher construído pela “cultura” da sociedade. Elas passam a ser independentes, a enfrentar seus problemas e o mundo do crime, passam a levar dinheiro (falso) para dentro de casa. É possível notar inclusive o estranhamento dos maridos e ex-maridos das personagens da série, que ficam questionando a capacidade delas de conseguirem o dinheiro.

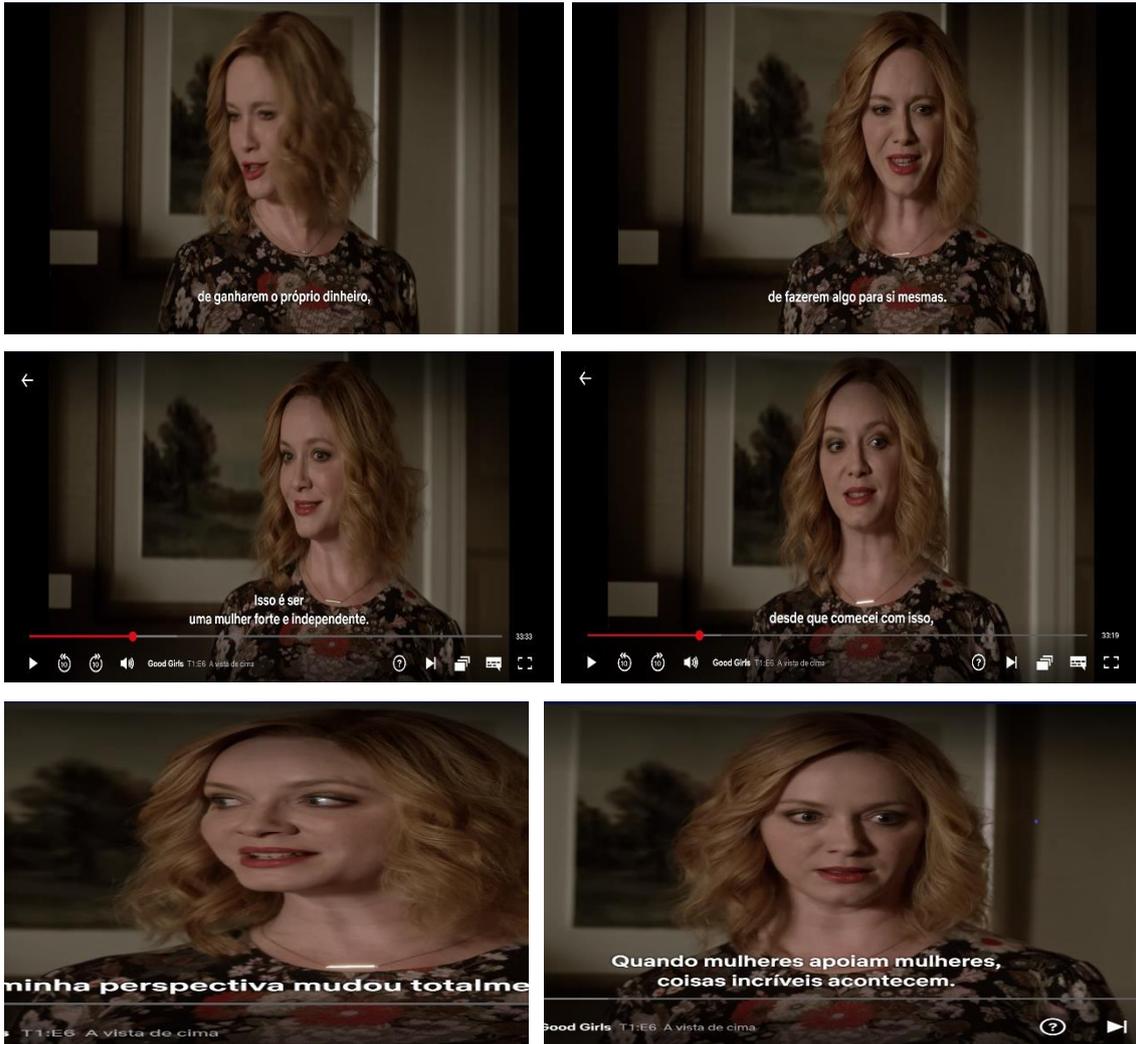
Há várias cenas em que as falas das personagens refletem exatamente o pensamento da sociedade, mostrando cenas de racismo, desigualdade de gênero, tentativa de estupro, entre outros. No primeiro episódio (“Pilot”), a personagem Beth flagra o chefe de sua irmã Annie tentando estuprá-la e Beth pega uma arma, aponta para ele e discursa sobre a sociedade machista existente. Nessa cena é possível notar claramente a revolta da personagem, revelando a cultura machista que ainda está presente na sociedade hoje.



Já no episódio 6 “A View From the Top” (“A Vista de Cima”), Beth, Annie e Ruby estão contratando outras mulheres para ajudarem no seu sistema de lavagem de dinheiro. Nessa cena, as mulheres falam que primeiro elas teriam que falar com seus respectivos maridos e filhos para depois pensarem em aceitar o “trabalho”, então Beth discursa sobre como elas – mulheres – sempre pensam nos outros antes de pensarem na sua própria felicidade e nos seus próprios desejos. A fala mostra exatamente a cultura da nossa sociedade, em que a mulher que é mãe e esposa, deve pedir sempre a opinião da família antes de tomar suas próprias decisões e de fazer suas próprias escolhas. A mulher é capaz e pode (se quiser) ter sua família, marido e casa e ser independente,

trabalhar fora e tomar suas próprias decisões baseado no que ela quer.





Por causa da cultura de massa presente na sociedade, essas cenas podem causar estranhamento nos telespectadores, pois para alguns pode parecer que quando a mulher começa a trabalhar fora, ter seu próprio dinheiro, crescer na própria carreira, ela está deixando de lado seus filhos, marido e família, porém a série mostra como as mulheres equilibram tudo isso. Claro que por elas estarem cometendo crimes, elas acabam mentindo e/ou brigando com seus entes queridos por causa dos segredos, mas na realidade, a mulher que é mãe e esposa, consegue equilibrar essas áreas de sua vida, sem deixar de lado seus desejos e aspirações.

A série é importante, então, por mostrar como a sociedade espera que as três mulheres protagonistas sejam e ajam. As três são mães e duas delas, esposas e trabalhadoras. E é isso que a comunidade espera delas, que elas sejam mãe, esposas, donas de casa, e quando são trabalhadoras, sempre para ajudar os maridos, nunca para si

mesma ou para a sua evolução profissional.

Como abordado anteriormente, “Good Girls” vai mostrando, com o passar dos dez episódios, a mudança de comportamento das três mulheres, enquanto faz o telespectador refletir sobre o “papel da mulher”. Se a sociedade está evoluindo, o cinema também tem que evoluir. A série pode ser uma pioneira, mas com o aumento do movimento feminista e a transformação do papel da mulher, a tendência é de que a indústria cinematográfica siga evoluindo.

Considerações finais

Hoje, a indústria cinematográfica está evoluindo, aprendendo a lidar com o feminismo e a transformá-lo em arte, apesar de haver muitos caminhos a serem percorridos e barreiras a serem quebradas. Se a representação do papel da mulher no cinema é a visão da sociedade, que está em mudança, os primeiros passos estão sendo dados, apesar do caminho para a igualdade de gênero ser longo.

Os meios de comunicação, sendo um dos responsáveis pela propagação de uma padronização e alienação da representação do papel da mulher na mídia, tem o dever de desconstruí-lo, assim como a mídia tem de evoluir conforme o avanço da sociedade e a quebra de seus preconceitos e paradigmas impostos pela Indústria Cultural.

Diante de sua importância, diante do impacto que a mídia tem na formação da mentalidade, do imaginário, dos desejos e da leitura socializada da realidade, todos os países listados enfatizam a importância do envolvimento dos meios de comunicação com a implementação da igualdade de gêneros, com os quais todos estão comprometidos. Sem isso, alcançar essas metas e esses objetivos se torna mais distante e bastante mais difícil. Na verdade, é em nome de sua função de educadora informal, eficaz e poderosa que se exige dela esse comprometimento. (MORENO, 2017, p.86.).

A mídia, sendo considerada como o quarto poder da sociedade, tem o dever de desconstruir a visão das pessoas sobre o papel da mulher. Logo, filmes, séries e novelas estão evoluindo aos poucos, mostrando que o real lugar da mulher é onde ela quiser.

Portanto, a imprensa tem um papel fundamental na “representação do papel da mulher”, já que ela influencia diretamente nos pensamentos e conceitos da sociedade,

que está em constante evolução. O movimento feminista e a forma como a mulher é representada na mídia devem ser tratados com respeito.

Referências bibliográficas

BASTOS, F. **10 melhores filmes com assalto a banco.** Disponível em: <https://cinemaeafins.com/2018/02/melhores-filmes-com-assalto-a-banco/>. Acesso em: 27 nov. 2018.

BRIDI, N. **Good Girls – 1ª temporada.** Disponível em: <https://www.omelete.com.br/series-tv/criticas/good-girls-1a-temporada>. Acesso em: 21 nov. 2018.

BUITONI, D. S. **Mulher de papel: A representação da mulher pela imprensa feminina brasileira.** 2ª ed. São Paulo: Editora Summus, 2009.

FELIPE, L. **Good Girls | Crítica – 1ª temporada.** Disponível em: <https://observatoriodocinema.bol.uol.com.br/artigos/2018/07/good-girls-critica-1a-temporada>. Acesso em: 21 nov. 2018.

GIL, A.C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social.** 6ª ed. São Paulo: Editora Atlas S.A., 2008.

MORENO, R. **A imagem da mulher na mídia: controle social comparado.** 2ª ed. São Paulo: Editora Expresso Popular: Fundação Perseu Abramo, 2017.

NAVARRO, P.R.; PEREIRA, R. C. **A representação da mulher na indústria cinematoográfica.** Disponível em: ojs.up.com.br/index.php/comunicacao/article/download/669/291. Acesso em: 18 mar. 2019.

SALGADO, L. **10 filmes sobre assaltos a banco para você que amou La Casa de Papel.** Disponível em: <http://www.adorocinema.com/slideshows/filmes/slideshow-137772/?page=7>. Acesso em: 27 nov. 2018.

ZANETTI, L. **Good Girls é Breaking Bad às avessas, e no melhor sentido (Crítica da 1ª temporada).** Disponível em: <http://www.adorocinema.com/noticias/series/noticia-141579/>. Acesso em: 21 nov. 2018.